

# O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. . . . . 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO, CRITICO E ARTISTICO  
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno II

Desterro -- Domingo 4 de Janeiro de 1880

N. 3

## O ARTISTA

Desterro, 4 de Janeiro de 1880.

### Anno novo

O anno de 1880 acaba de fazer a sua solenne entrada no malfadado Brazil.

Ha bem annos que a nossa querida patria permanece n'essa *pasnaceira* que vemos, causada pelos seus mais *dilectos* filhos, que provam assim o seu grande *patriotismo*.

E' de lamentar o estado deploravel a que tem chegado o nosso paiz, que outr'ora tantos melhoramentos prometia.

As outras nações caminham para a prosperidade, enquanto a nossa continua immersa n'essa somnolencia, sob a capa da monarchia, que guarda em torno d'ella o mais profundo silencio, para que não acorde.

Hoje não estamos para *chorominguar* a desdita do nosso paiz; viemos cumprimentar aos nossos clarissimos leitores, que não são muitos, e annunciar-lhes que o presente anno, para a nossa provincia, *cheira* a melhoramento, a julgar pela illuminação á *gaz-globe*, iniciativa do exm. sr. dr. Antonio d'Almeida Oliveira, actual presidente d'esta provincia

e do illustre e incançavel engenheiro, o sr. dr. Campos Mello, empresario da referida illuminação, a quem dirigimos um sincero aperto de mão.

A proposito, seria bom que os nossos assignantes, que se acham em atrazo no pagamento de suas assignaturas, mandassem satisfazer-as para coadjuvarem a empresa do *Artista*, que já conta um anno de existencia, e quer continuar ainda, não obstante dizerem que a tarefa jornalística é espinhosa.

Não queremos passar por massantes, e fazemos ponto final, esperando que o nosso justo pedido seja attendido, e desejando que os leitores, durante este anno, passem um *vidão* !

## LITTERATURA

### NEDJEDLIS O MOURO

ou

UMA VICTIMA DA INQUIÇÃO

POR

J. F. Paz

I

Quando chegou a vez de saudar Elvira, elle levantou-se e disse:

—Bebo á saude da rosa mais bella do jardim hespanhol, pela qual perderei, se for possivel, tudo o que me é mais caro na vida.

—Viva a joven Elvira Pereira !

—Viva ! gritavão todos.

Elvira levantou-se e disse:

—Senhor visconde de Burgos, agradeço-lhe muito esse elogio que me fez, mas se diz que perderá tudo com intenções de amores, saiba que eu não amo a moço algum e nunca amarei filhos de Hespanha !

—Oh ! Disse o fidalgo, então detesta a Hespanha ?

—Quem sabe se V. namora algum portuguez ?

—Não ! Não meu pae ! Eu não amo estrangeiro algum nem tão pouco amo os Hespanhões !

—Então não tens amor patrio ? Pergunta o fidalgo.

Elvira sentou-se e calou-se.

Quando acabaram de jantar levarão o visconde ao fundo da quinta.

—Oh ! disse este, é muito bella essa quinta e b. Elvira é a rosa que perfuma tudo isto.

—Não gosto desses elogios, respondeu-lhe Elvira ?

Quando chegarão perto d'uma fonte, o fidalgo pediu ao visconde que se sentasse e esperasse enquanto elle com sua esposa iam apanhar algumas flores no jardim.

Elvira conheceu que isto era de pro-

## FOLHETIM 5

### EDMUNDO O BANDIDO

POR

JOSÉ PRATES

PRIMEIRA PARTE

LEONIDA

IV

De repente deteve-se, applicou o ouvido, e um sorriso de satisfação pairou-lhe nos labios.

Com effeito, ouvira-se um farfalhar

de seda sobre a folhagem secca que juncava o chão.

Uma mocinha de uma belleza ideal, appareceu, como por encanto, no meio das flôres.

O arfar de seu peito indicava a agitação que a joven experimentava.

Cabellos negros como o ébano e ondedados adornavam-lhe a cabeça; o seu olhar era longuoroso; os seus labios rubros e mimosos como os de um seraphim; era uma d'essas bellezas perigosas de contemplar-se.

—Leonida ! exclamou o môço com um grito d'alma,

—Alberto ! disse a moça com ternura.

—Pensei que não viesses....

—Eu nunca falto ao que prometto. Si

gou-me de uma missão, que agora mesmo acabei de desempenhar.

—Como elle é feliz, disse o mancebo com voz apaixonada, vivendo sempre a teu lado... ouvindo o som da tua voz meiga... respirando o mesmo ar que respiras.... Oh ! que ente feliz !...

—Meu Deus ! como estás tam lisongeiro.... disse a donzella, corando.

—Não estou lisongeiro. O que me faz fallar assim é o amor que te consagro, Leonida....

Não respondeu, mas nos seus labios brotou um sorriso de prazer.

O mancebo proseguiu:

—Si tu soubesses como o meu coração palpita de prazer quando te vejo, e o cruel receio que tenho de um dia verte indifferente ao meu amor.....

Oh ! Alberto, interrompeu a moça,



1975  
52

posito e armou-se de toda a coragem e *cynismo*.

O visconde sentou-se e a Andaluza também sentou-se.

—Então D. Elvira, pergunta o visconde, não falla commigo?

Está zangada?

—Não, senhor. Nem ha motivos para isso.

—Então que diz dos hespanhóes?

—Que são bons, guerreiros, patriotas.

—Então porque disse na meza que não gostava d'elles?

—Sim, senhor. Não gosto d'elles com tenções de amores.

—Oh! diz o visconde, pegando nas mimosas mãosinhas de setim. Oh!...

—Senhor visconde, diz Elvira puchando a mão, isso é um abuso! Na Inglaterra o seu crime seria punido severamente.

—Oh! Mas eu lhe amo tão loucamente!

—Não tenho culpa. E eu não lhe amo

—Oh! D. Elvira! Não magoe meu coração!

—Não lhe magoo, senhor visconde; digo apenas a verdade.

—Oh! Não seja tão ingrata!

Não queira conduzir aquelle que lhe adora ao abysmo do sepulchro! Oh! Tenha dó!

—Quer que lhe ame á força?

Meu coração não se inclina ao snr., como poderei amal-o?

—Ah! Faça um esforço!

Lembre-se que o amor do fidalgo é parecido com elle.

O amor do fidalgo é romantico cheio de rasgos...

—Ah! Não pense, sr. visconde, que os romances e os rasgos de cavalheiros me allucinarão!

—Oh! Tem um coração de pedra.

—É vivo contente com elle.

Emquanto Elvira dizia isto, o fidalgo vinha do jardim ao lado de sua esposa, ambos com as mãos cheias de flores.

Quando chegarão á fonte offerecerão

lindos bouquets ao visconde e o convidarão a voltar.

Este de boa vontade voltou.

O visconde estava desanimado e desesperado, e Elvira triumphante.

Em casa, os amigos do viscondé estavam jogando e os pagens sentados n'um terreiro, conversando.

—Então, pergunta o fidalgo ao visconde, enquanto Elvira vae fallar com Annita, então que disse nossa menina?

—Oh! D. Rodrigo. E' muito másinha.

—Sim?

—E' verdade.

E é muito despachada.

—Eu acabarei com isso!

Nessa occasião Elvira dizia a Annita que mandasse o pagem Juan Toledo, o mesmo que avisara o Nedjedlis da vinda d'ella antes da tarde, dizer ao Mouro a conversa que ella teve na fonte com o visconde.

O pagem, logo que recebeu a ordem de Annita, correu á casa do Mouro e narrou-lhe o que se passara na fonte entre Elvira e o visconde.

Nedjedlis escutou com attenção o que o pagem lhe contou, e depois disse-lhe:

—Bem. Diga a Elvira que seja sempre forte, porque nenhum mal lhe ha de acontecer enquanto eu tiver braços.

O pagem retirou-se; mas quando fechava o portão da quinta do Mouro, sentiu-se preso.

—Que foste fazer em casa deste Mouro?

Juan Toledo reconheceu a voz, e virando-se disse:

—Fui atraz d'um Mouro que me insultou.

O individuo retirou-se, e Juan de Toledo ficou parado na praia.

O individuo, que ha pouco interrogara a Juan, era um pagem seu inimigo, e espia dos outros pagens.

Tudo o que se passava entre os pagens elle contava ao fidalgo.

Por isso não é de admirar que elle conte incontinentemente ao fidalgo o que vira.

—Quem sabe si ella namora o Mouro? diz o visconde.

—Talvez, responde o fidalgo; mas eu já lhe corto os passos.

Continúa

## POESIAS

### Ao Dia de Reis.

A Ex<sup>ma</sup> veneranda Mãe do meu amigo Sr. Major Camillo José de Souza.

Os Reis do Oriente  
Vêm com destino  
De adorar  
O Deos-Menino.

Luzonta oestrelha,  
Hoje os conduz  
Ao berço humilde  
Do bom Jesus.

Saúdos gratos  
O Natalicio  
Do Homem-Deos,  
Que espanca o Vicio.

E d'um presepe  
Nos vem a Luz:  
E' elle o berço  
Do Heróe da Cruz.

B. V.

### ORPHÃO

Ao meu amigo W. Bueno.

.....do orphão tanta dor bem comprehendendo  
Aquelle que nao tem nem mãe nem pai!  
JULIO DA GAMA.

Triste o orphão! vai gemendo!  
Sem ter pai p'ra o proteger!  
E' a vezinha que, nascendo,  
Principia á emmurchecer!...  
Vai o sol lhe secca ardente!  
Vai o vendaval furente  
Suas pet'las desprender!..

Quando tem a mãe querida,  
Que lhe dá carinhos tantos,  
Que, p'ra ver do filho a vida,  
Sacrifica a sua em cantos;

resentida, não confias em mim? não te tenho dado provas do meu amor?

—Perdôa-me. Eu sou um louco. O amor transtorna-me o juizo.

—Está bom; não fallemos mais n'isso. Tenho que dizer-te uma cousa.

—Falla, anjo seductor.

—Leonida proseguiu com tristeza:

—Meu pai pretende deixar Veneza.

—Que dizes?

—Ainda não me disse para onde vai, continuou chorando, mas assegurou-me que aqui não fica.

—Não chores, minha querida: eu hei de acompanyar-te, porque tu és o unico ente asquem consagro o meu maior amor. O que eria de mais sem a minha Leonida, sem a imagem querida bom seus olhos dourados?

—Então tu me acompañas, Alberto? perguntou a moça com alegria.

—Sim! Só a morte é que nos pôde separar!

N'esta occasião chamaram a Leonida.

—Me chamam.

—Oh! parece uma maldicção! Sempre que estamos a sós, hão de interromper-nos.

—Tem paciencia, meu amigo; amanhã nos veremos.

E estendeu a mão a Alberto, que levou-a aos labios e depositou n'ella um beijo ardente, um beijo de amante.

V

Um mez é passado depois do que dissemos no capitulo antecedente.

Estamos no dia da partida do conde. O brigue *Florippes*, excellent navio veneziano, com as suas azas abertas, com a aguia prestes a desprender o vôo, esperava os seus passageiros.

Sobra o convez passeava Alberto, que, fiel á sua palavra, abandonava os seus para ir no seguimento da mulher que

Pouco a pouco, foram chegando os passageiros, mas ainda não tinha chegado a vez do conde.

O mancebo dava mostras de impaciencia; e por varias vezes tentou desembarcar para certificar-se si o conde viria ou não.

O vento fresco da manhã assobiava nas cordas do navio, cujo costado era beijado pelas azuladas ondas.

Apoz longa espera, chegaram o conde e sua filha.

Leonida tinha chorado, a julgar pela cor rosada de suas palpebras.

Ma lfirinou o pésinho no tombadilho, dardejou um olhar rapido pelo navio, e um sorriso de contentamento brilhoulhe nos labios.

Tinha visto Alberto, que, ancioso, a esperava.

Chora o orphão; mas, vai ella  
Divo archanjo que lhe vela,  
Lh' enxugar aquelles prantos !

Mas... ai dor ! quando o coitado  
Sua mãe perdeu tambem;  
Quando cedo, á dor curvado,  
Não tem pai nem mãe já tem...  
Pobre delle !-é flor pendida,  
Sem orvalho que a de vida,  
Sem desvelo de ninguém !...

Benjamin C. d' Oliveira.

### É NOITE...

(COISAS DO ARCO DA VELHA)

E' noite... A lua, serena,  
pelos espaços caminha,  
projectando frouxa luz  
onde a tristeza s' aninha.

E' noite... O vento do sul,  
que as ondas enfurece,  
murmura no matagal,  
que a noite obscurece.

E' noite... O negro lençol  
do nevociro s'estende,  
e em suas dobras occulta  
a luz qu'a recende.

E' noite... Morno silencio  
por toda a parte domina,  
apenas geme o regato  
lá na base da collina.

E' noite... A donzellinha  
na janellase debruça,  
e aos pios tristes do mocho  
queixas d'amor soluça...

E' noite... Negro vulto  
pelas sombras perpassa,  
tendo na cinta um punhal  
e nas mãos pesada massa.

E' noite... Dorme tranquilla  
no leito a virgem christã;  
sonha talvez, porque abre  
os seus labios de romã.

E' noite... Triste poeta,  
sobre a relva sentado,  
contempla, attento, o painel  
por Jehovah inventado.

E' noite... Todos dormem  
sob os olhares do ceu,  
todos deitam a fronte  
nos braços de Morpheu.

29—12—79.

Oscar de Lara.

### ACROSTICO

Ati. M. J.

Minha vida é qual sublime flor,  
heredeira de virgineo peito...  
Cu do vergel que rescendendo odor,  
troubá-te um beijo, seu innocente feito.

## CORRESPONDENCIA

### Cartas de um Roccoiro ilha-gracense

1ª. CARTA

Continuação

Cria, sr. director, não é sem nojo  
que trato d'estas nullidades, capazes de  
fazer rirem-se as pedras de escarneo  
e da gente lançar até as tripas...

Cá, pela minha parte sanitaria, já lem-  
brei-me de não gastar nem mais um real  
em vomitarios, quando andam-se elles  
esfregando por todos e por tudo, a manci-  
ra de *piothos por costura*...

O que se ouve ?

O assobiar de um molequinho...

De quando em quando (para não cahir  
em desuso) as brigas feitas ou provocadas  
pelos policiaes... que, segundo dizem,  
teem razão por não haver quem os po-  
licie...

Os dixesmedixes...

O rumor das intrigas...

Os fallatorios da *vida alheia*... para  
o que ha umas *ucia* intitulada do *Esfol-  
ta*.

As questões sobre peixes e... *via fer-  
rea* (!!!)

Gargalhares de alvor... e ditinhos  
muito abaixados de miseravel arreeiro !

Foin-foins...

Adulações... bajulações... servilismo...  
etc., etc.

Não obstante, devo dizer-lhe, sr. re-  
dactor, que aqui ainda ha pessoas boas,  
que se distinguem pelo retiro em que  
vivem, despresando com nojo aquelles bi-  
pedes vampiros, nuseabundos intrigan-  
tes, miseraveis calumniadores, *coisinhas*  
e asquerosos truões...

Mercê de Deos que ainda assim dizer-  
se pode, para se não dizer d'isto o que se  
diria de um *covil*.

E' pois, meu caro, colligando-me ás  
opiniões dos bons, que evitam que o nos-  
so torrão tenha a sorte que Gomorra te-  
ve, que eu, si devo cuidar da farinha da  
e da plantação do *milho* (que dá bem bom  
dinheiro pela *extracção* que tem), tam-  
bem, a bem de minha pobre terrinha,  
devo occupar as horas de lazer, procu-  
rando os meios de, a meu turno, concor-  
rer com meu contingente para levantar a  
do estado morbido em que se acha...

Para este consequimento, qual o re-  
medio mais prompto, mais energico, mais  
efficaz, senão este de combater os ef-  
feitos putridos e pestiferos dos miasmas  
emanados dos máos costumes, corrupção  
d'aquelles, que fazem lôdo da propria  
alma e da vida um foco de miserias ?

Ai d'isto ! Si uma alma de Deos se não  
inspira na caridade e no patriotismo pa-  
ra levantar a voz e o dêdo, dizendo e in-  
dicando assim:

Aquillo é mau: acabe-se !

Venha a luz: espanque-se as trevas !

Venha a nobreza de sentimentos: bai-  
xo a mascara e o scinismo !

Civilise-se !

A agua e o sabão não lavam as nodoas  
indeleveis: tendes um ferro encanden-  
cei-o e cicatrizai com elle as vossas cha-  
gas, ó vós que as tendes !

Isto não vai a aterrar, sr. redactor;  
quero apenas que se faça o que nós, os  
roceiros, costumamos fazer nas nossas  
roças: livramos as plantações das hervas  
más.

Tenho um compadre no Inhurapên,  
um honrado matuto (matuto é mesmo co-  
mo elle se assigna), que ha muitos annos  
se corresponde commigo, e a quem devo,  
pela leitura de suas cartas, bem boas  
horas de desfastio.

Faço delle a apresentação ao sr. re-  
dactor, pedindo permissão para, com as  
minhas letras, fazer remessa das que elle  
me fôr dirigindo, sempre que achar de  
acordo com o nosso programma. Acre-  
dito que lhe hão de agradar mais do que  
as minhas e, como amostra, vou trasla-  
dar-lhe uns topicos da penultima carta,  
em resposta, que delle tive, e que me  
parecem vir ao caso.

Continúa

## CRITICA

### Os Reis

Ha exactamente nove annos que algu-  
mas jovens senhoras e cavalheiros orga-  
nizaram nesta capital um *terno*, que nas  
noites de Reis cantava, com accompanha-  
mento de diversos instrumentos, em va-  
rias casas de suas amizadas, as tres qua-  
drinhas que em seguida publicamos, as  
quas tendo nós ouvido, conseguimos  
reter na memoria.

Foi tal o enthusiasmo produzido pelo  
apparecimento deste *terno*, que certo  
cavalheiro aggregou-se a ella exonta-  
neamente e com toda a assiduidade, a  
ponto de tocar *ferrinhos* com uma cha-  
ve na propria bengala, que afinal sempre  
é melhor do que *tocar rabeça* com arco  
de taquãra, sendo tambem certo que o  
nosso heróe cantava sempre com *gosto* a  
ultima quadrinha !...

Não tem bom gosto quem dorme  
N'estas noites de folgado,  
Nem se julga de bom gosto  
Quem vai para a cama tão cedo.

O calor requer passeio  
E patuscada o Natal,  
O calor pede cerveja,  
Pão e queijo não faz mal.

Temos comido e bebido,  
Da partida sôa a hora:  
Adeus, adeus para o anno,  
Que afinal vamos embora.

### Ora esta !

Hi ! hi ! hi !

Hi ! hi ! hi !

Que biabo de choradeira é essa ?...

—Pois não havemos de chorar ?

Hi ! hi ! hi !

—Mas chorar porque, senhores ? !

—Porque o *gaz-globe* dá muita luz, assim não podemos conversar á janella com as nossas bellas hi! hi! hi!

Ora! ora! Ah! ah! ah!... Esta agora é muito boa! ah! ah!

—De que vos rides senhor!

—Ah! poltrões do diabo! pois quereis que eu sustenha o riso á vista de semelhante bernardice? Ah! ah! ah!

Ponham-se na rua, tratante!

E' isto, leitores! Os pobres namorados estão desesperados porque a luz do gaz não consente que elles conversem com suas beldades, como no tempo do azeite de peixe, gaz hydrogeneo e do kerosene, que só illuminavam o interior dos lampeões.

—Só assim certo pais de.... tomarão ju... i... zo.... e... se recolherão á casa mais cedo....

Nada meus caros: as couzas vão mudando. Essas conversasinhas erão prejudiciaes, porque.... já sabem.

*Um que não gosta dessas couzas.*

## VARIÉDADES

### Um episodio de 8 de Setembro

Era na noite de 8 de Setembro de 1879.

O céu estava limpido, sereno e esmaltado de myriades de estrellas, semelhantes a prateadas flores em campo negro-azul, que buxuleavam graciosas banhando o horisonte em suave luz e respondendo com muda eloquencia ás multicores tochas que adornavam a frente da casa da sociedade *Recreio Josephense*.

Entoando uma musica brandissima e quasi imperceptivel, sacudia a brisa os arqueados leques das palmeiras.

Fervia um mar de povo ao longo dos coqueiros e dos mastros que escoltavam o coreto na testada da casa da alludida sociedade.

Depois que proferiu-se um discurso com referencia ao sete de setembro; depois que retumbaram fervidos vivas, aos quaes respondêra o povo, semelhando um mar encapellado que repercute echos das salvas de artilheria; depois que os distinctos musicos praacompridenses vibraram os ares com o hymno da Independencia, ouviu-se uma original palestra, em que figuravam uns velhos, tres moças e uma menina.

Os velhos fallavam pausados, calmos e brandos; e, logo, respondiam exaltadas moças e a menina tambem.

O mais interessante é que a menina era a maior regateira: taramelava ao mesmo passo que as outras, encobrindo, quasi, as vozes das irmães!...

Depois de uma breve pausa, tornavam os velhos em tom grave e pesado, como que exortando as raparigas; mas as subordinadas, mal pausavam os pobres velhos, arrebitavam-se de novo, palravam, palravam e ferviam em borbotões, á semilhança de sussurrantes cachoeiras.

Outra vez faziam-se ouvir os velhos pachorentos; outra vez encrespavam-se as moças; outra vez alçava a menina atrevida a esganiçada voz.

Querem saber os leitores que palestra era essa?

Era uma walsa do sr. Barbosa, que tocava no coreto a sociedade *Recreio Josephense*!

Quem eram os velhos?

—Os baixos.

As moças?

As clarinetas.

E a menina?

A requinta.

Praia Comprida 16—9—79.

B de G.

## Charadas novissimas

1-1-1 O instrumento dos adverbios das interjeções é socegado.

1-1-1 Na China e na Bahia a interjeição é bode.

1-1 Este rio é interjeição e bebida.

1-1-2 O artigo avista no palheiro o pastor d' ovelhas.

1-2 O pronome no natal e na magia é doença.

## LOGOGRIPHO

(POR LETRAS)

Offerecido ao sr. J. S. Corcoroca.

Alerta, meo charadista,  
Não durma, que temos lida;  
Deixe-se de ociosidade,  
Trabalho, trabalho é vida.

Constancia! Tenha coragem,  
Repare bem no qu'eu lhe digo,  
Que ha de achar o logogripho  
Sem haver grande perigo.

Pouco usado apartamento 9, 2, 1, 2.  
(9, 9, 8.

Dá-se dentro d'essa Ermida 9, 8, 1,  
(2, 7, 3, 6.

C'um sacerdote de Marte 9, 8, 3, 4, 6.  
E uma dama conhecida 8, 7, 4, 5, 2.

Quer saber o conceito?

Silencio!... Tirar chapéu,

Que não tarda a s'encontrar

Com os habitantes do Céu.

O. Z. A. O.

## EXPEDIENTE

### Jornacs

Agradecemos as respectivas redacções a remessa dos periodicos seguintes:

Despertador, Conservador, Regeneração, A Verdade, Municipio, Gazeta de Joinville, A Grinalda, Correio do Natal, Nova Aurora, Gazeta de Uberaba, Theophilo Ottoni e o Iniciador.

## A' PEDIDOS

### Agradecimento

Eugenio Antonio Bruno e João José Claudio, pai e avô da innocente Francisca, fallecida no dia 30 de Dezembro do anno proximo passado, agradecem do intimo d'alma á todas as jovens senhoras e cavalheiros que conduziram ao ultimo jazigo os restos mortaes da mesma finada; por cujo acto de caridade e religião se confessão agradecidos.

Desterro, 2 de Janeiro de 1880.

### Poesia

#### á morte da innocente Francisca Bruno

Mais um anjo de Deus baixára ao tumulo,  
Deixando n'este mundo agra saudade...  
Recebei as nossas preces fervorosas,  
Archanjo de luz e de bondade!...

Estrella peregrina em céos de aurora,  
Porque te-envolveste em escuro manto?...  
Levando n'alma a pureza fascinante,  
Sómente nos-deixaste a dôr...o pranto..

Adeus, anjo querido, sorriso d'alma,  
Adeus, archanjo sempiterno...  
Dorme tranquillo teu somno derradeiro  
Que por ti rogamos ao Deus Eterno...

Mais um anjo de Deus baixára ao tumulo,  
Deixando n'este mundo agra saudade...  
Recebei as nossas preces fervorosas,  
Archanjo de luz e de bondade!

X.

## Ultima hora

Esperamos que o « illustre » collaborador do « Conservador » acabe de publicar o seu « brilhante » artigo para, com a mesma linguagem de que usou para connôscos, dar-mos-lhe a competente resposta.

Quem com ferro com fere, com ferro será ferido.